

LETRAMENTO RACIAL E DIVERSIDADE CULTURAL NA FAVELA DA MARÉ: EDUCAÇÃO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

Rayane Freire Rodrigues

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar de que modo o letramento racial impacta a população da Favela da Maré, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural e para o enfrentamento do racismo estrutural. Utilizamos uma abordagem teórico-metodológica baseada em estudos sobre *raciolinguística* e educação crítica, com destaque para autores como Alonso (2020) e Flores & Rosa (2015). Temos como justificativa a necessidade de compreender como a educação, a cultura e a comunicação comunitária podem promover o letramento racial em territórios periféricos, proporcionando ferramentas para a resistência e a valorização da identidade negra e favelada. O artigo aborda o contexto histórico e social da Maré, evidenciando desafios como violência, estigmatização e falta de infraestrutura, ao mesmo tempo em que valoriza iniciativas locais que buscam transformar essa realidade. A comunicação comunitária revela-se, nesse cenário, essencial para a desconstrução de narrativas excludentes. O estudo conclui que o letramento racial é uma ferramenta indispensável para promover a equidade social, pois permite que os moradores da Maré compreendam e enfrentem o racismo em suas múltiplas formas. Além disso, ressaltamos a importância de políticas públicas que garantam acesso à educação de qualidade, cultura e oportunidades econômicas — elementos fundamentais para o empoderamento das populações periféricas.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento Racial; Diversidade Cultural; Resistência Periférica.

ABSTRACT: The article analyzes how racial literacy impacts the population of the Favela of Maré, contributing to the strengthening of cultural identity and the fight against structural racism. A theoretical-methodological approach is adopted, based on studies on raciolinguistics and critical education, highlighting scholars such as Alonso (2020) and Flores & Rosa (2015). The study is justified by the need to understand how education,

culture, and community communication can promote racial literacy in peripheral territories, providing tools for resistance and the appreciation of Black and favela identity. The historical and social context of Maré is examined, emphasizing challenges such as violence, stigmatization, and lack of infrastructure, while also highlighting local initiatives that seek to transform this reality. Community communication emerges as a crucial element in deconstructing exclusionary narratives. The study concludes that racial literacy is an essential tool for promoting social equity, as it enables Maré residents to understand and confront racism in its multiple forms. Moreover, it underscores the importance of public policies that ensure access to quality education, cultural initiatives, and economic opportunities, which are fundamental for the empowerment of peripheral populations.

KEYWORDS: Racial Literacy; Cultural Diversity; Peripheral Resistance.

Introdução

O Brasil, apesar de sua rica diversidade étnico-racial, ainda enfrenta desafios estruturais relacionados ao racismo e à desigualdade social. O letramento racial, nesse contexto, surge como um instrumento essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Trata-se de um processo educativo e social que visa desenvolver a capacidade de reconhecer, compreender e enfrentar o racismo em suas diversas formas, incentivando a valorização das identidades negras, indígenas e periféricas.

Na Favela da Maré, uma das maiores comunidades do Rio de Janeiro, o letramento racial assume um papel ainda mais relevante. Historicamente, favelas são espaços marginalizados, onde a população, em sua maioria negra, sofre os impactos da exclusão social, da violência policial e do racismo estrutural. No entanto, também são territórios de resistência e produção cultural, onde iniciativas comunitárias, educacionais e artísticas fortalecem a identidade racial e a diversidade cultural.

A educação, nesse cenário, torna-se uma ferramenta fundamental para o letramento racial. Escolas, projetos sociais e coletivos culturais na Maré atuam na construção de um ensino que reconheça e valorize a história afro-brasileira e indígena. Iniciativas como o “Observatório de Favelas”, “Luta pela Paz”, “Museu da Maré” entre outras instituições,

que atuam diretamente no território, são exemplos de como a educação comunitária pode contribuir para esse processo, estimulando reflexões sobre identidade, racismo e direitos sociais dentro da própria comunidade.

O letramento racial e a diversidade cultural nas periferias são processos complementares e indispensáveis à construção de uma sociedade mais justa e consciente. Enquanto o primeiro favorece a compreensão crítica e o enfrentamento do racismo estrutural, o segundo reforça as identidades coletivas e cria espaços de resistência, expressão e empoderamento.

Na Maré e em outras favelas do Brasil, ações educacionais, culturais e artísticas desempenham um papel significativo na promoção do letramento racial, ao desafiar estereótipos e evidenciar a potência da cultura negra e periférica. Esses territórios, historicamente estigmatizados, também são centros de produção de saberes, práticas culturais e estratégias de resistência.

No presente artigo, analisamos de que maneira o letramento racial pode impactar a vida da população da Favela da Maré e contribuir para o fortalecimento de sua identidade cultural. A partir de uma abordagem que relaciona educação, representatividade e resistência, buscamos compreender como a construção de uma consciência racial crítica pode transformar a percepção dos moradores sobre si mesmos, sua história e o território em que vivem.

Além disso, o estudo se propõe a investigar como as iniciativas educacionais e culturais da Maré promovem o letramento racial e auxiliam no enfrentamento das desigualdades sociais e do racismo estrutural. Dessa forma, neste artigo, buscamos destacar a importância do letramento racial não apenas como uma ferramenta de conhecimento, mas também como mecanismo de empoderamento individual e coletivo, capaz de fortalecer a autoestima e valorizar as raízes culturais das comunidades periféricas.

Favela da Maré, história e desafios sociais

O Complexo da Maré é um dos maiores conjuntos de favelas do Rio de Janeiro, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, entre as avenidas Brasil e Linha Vermelha, duas das principais vias de acesso da capital fluminense. Composto por 16 comunidades, abriga uma população estimada em cerca de 140 mil habitantes¹, sendo um dos territórios periféricos mais populosos do país. A ocupação da área começou na década de 1940, com a chegada de migrantes nordestinos em busca de oportunidades na cidade. Ao longo dos anos, a região passou por um intenso processo de urbanização, mas ainda enfrenta desafios significativos relacionados à infraestrutura, segurança e acesso a serviços básicos. No que diz respeito a ocupação da área, as autoras Martins e Paiva afirmam que:

"Importante mencionar, ainda, que a Maré é considerada o maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro e seu surgimento se deu na virada dos anos de 1930 para 1940. Os primeiros moradores vieram do Nordeste do país para a construção da Avenida Brasil, formaram suas casas na beira da avenida, construíram suas palafitas e, aos poucos, foram aterrando e fazendo nascer essas 16 favelas ao longo das décadas." (MARTINS; PAIVA, 2023, p. 100).

A Maré é composta por comunidades como Nova Holanda, Baixa do Sapateiro, Parque União, Morro do Timbau, Vila do João, Conjunto Esperança, entre outras. Sua formação é resultado de diferentes ocupações ao longo do século XX, algumas espontâneas e outras organizadas por políticas habitacionais. A diversidade de sua população reflete um mosaico cultural e social característico das favelas cariocas; com forte presença de trabalhadores informais, pequenos comerciantes e artistas locais.

A vida na Maré é marcada por uma forte rede de solidariedade e resistência, com diversas iniciativas comunitárias voltadas para a educação, cultura e cidadania. Projetos sociais, ONGs e coletivos atuam para melhorar a qualidade de vida dos moradores; promovendo desde o acesso à arte e ao esporte até cursos profissionalizantes e apoio a mulheres em situação de vulnerabilidade. Entretanto, a presença de grupos armados, a

¹ Dados retirados do Censo Maré 2010 (MARTINS; PAIVA, 2023, p. 98).

precariedade no saneamento básico e as frequentes operações policiais na região ainda são desafios constantes. Martins e Paiva comentam que:

"A história do território da Maré é marcada pela organização interna dos próprios moradores assumindo a ausência do estado, desde os pré-vestibulares comunitários, mídias comunitárias, assembleias em praças públicas, mobilização para a chegada da caixa d'água, iluminação, dentre diversos outros direitos conquistados ao longo dos anos." (MARTINS; PAIVA, 2023, p. 100).

A história do Complexo da Maré está diretamente ligada aos desafios sociais enfrentados por seus moradores, refletindo um processo de ocupação marcado pela desigualdade e pela luta por direitos. Desde sua formação, a favela cresceu em meio à ausência de políticas públicas eficazes, resultando na precariedade da infraestrutura, na falta de acesso a serviços essenciais e na estigmatização de sua população. Ao longo das décadas, a resistência comunitária se tornou um fator essencial para minimizar os impactos dessas dificuldades, mas questões como violência, falta de saneamento básico, educação precária e dificuldades no mercado de trabalho ainda persistem. Assim, compreender os desafios sociais da Maré exige um olhar para sua trajetória histórica, reconhecendo tanto os obstáculos enfrentados quanto a potência da favela como espaço de organização e transformação social.

Apesar da forte organização comunitária e da resistência cultural dos moradores, a favela lida diariamente com problemas como a precariedade dos serviços públicos, a violência, a escassez de oportunidades e a estigmatização social. Esses desafios impactam diretamente a qualidade de vida da população e reforçam a urgência de políticas públicas eficazes voltadas ao desenvolvimento do território.

Entre os principais problemas enfrentados na Maré, destaca-se a violência urbana, decorrente da disputa entre grupos armados e das frequentes operações policiais. A militarização da segurança pública na favela coloca os moradores em situação de risco constante, afetando desde a mobilidade até o acesso a serviços básicos, como saúde e educação. A presença de grupos criminosos também interfere a dinâmica social da região, limitando algumas atividades e criando barreiras para o desenvolvimento econômico.

Outro grande desafio é a falta de infraestrutura e saneamento básico. Muitas áreas da Maré ainda sofrem com a precariedade no abastecimento de água, no tratamento de esgoto e na coleta de lixo, o que compromete a saúde da população e agrava os problemas ambientais. A falta de moradias adequadas também é uma questão urgente, com muitas famílias vivendo em condições insalubres, em casas improvisadas.

No campo da educação e do acesso ao mercado de trabalho, os desafios são igualmente significativos. Apesar da existência de escolas e projetos sociais que promovem o aprendizado, a evasão escolar ainda é um problema devido à necessidade de muitos jovens trabalharem desde cedo para ajudar suas famílias. Ademais, a falta de oportunidades no mercado formal de trabalho faz com que muitos moradores dependam da economia informal para sobreviver, o que pode significar insegurança financeira e ausência de direitos trabalhistas.

Além dessas questões, a estigmatização da favela pela sociedade e pela mídia contribui para a marginalização da Maré e de seus moradores. O preconceito e a visão deturpada da favela, como um espaço exclusivamente de violência, fazem com que muitos mareenses enfrentem discriminação no mercado de trabalho e em outros ambientes sociais. Essa narrativa excludente ignora a potência cultural e as iniciativas de resistência que existem no território.

Diante desses desafios, a população da Maré tem mostrado força e organização comunitária, por meio de iniciativas que promovem educação, cultura, geração de renda e direitos humanos. Projetos sociais, coletivos e ONGs atuam para minimizar os impactos dessas dificuldades, criando redes de solidariedade que contribuem para a transformação do território. No entanto, para que mudanças estruturais ocorram de forma efetiva, é essencial que o poder público implemente políticas públicas mais inclusivas e voltadas para as necessidades reais da favela. Martins e Paiva em seu texto retratam a desigualdade social e as condições precárias da população da Maré:

"Segundo o Instituto Pereira Passos, explicando a origem da Maré, a população de todo o conjunto é formada, em sua maioria, por pessoas de origem negra, indígena e nordestina, com baixa renda familiar, com baixo nível de escolaridade e estando à margem da sociedade. Em grande parte, estes moradores são integrantes do mercado de trabalho informal e criam as suas

próprias formas de sobrevivência ao longo dos anos, muitas delas de forma coletiva." (MARTINS; PAIVA, 2023, p. 100).

O Conceito de letramento racial e sua importância na favela

O letramento racial pode ser compreendido como um processo educativo e crítico que visa sensibilizar indivíduos sobre as dinâmicas raciais presentes na sociedade, incluindo as formas sutis e explícitas de discriminação racial. No contexto do texto de Lara Alonso (2020), o qual aborda o letramento racial, esse conceito pode ser relacionado à compreensão das ideologias raciolinguísticas, que vinculam raça e linguagem de maneira discriminatória, estruturando, assim, desigualdades sociais.

As ideologias raciolinguísticas são definidas como um conjunto de crenças que associam práticas linguísticas específicas a determinadas categorias raciais, frequentemente vinculando corpos racializados a uma suposta deficiência linguística, independentemente da realidade dessas práticas. Essa construção discursiva contribui para a marginalização de grupos racializados, cujas formas de falar são vistas como desvios da norma, reforçando estereótipos raciais e linguísticos. A autora comenta sobre como a ideologia raciolinguística impacta a vida cotidiana de pessoas racializadas, influenciando sua percepção social, bem como suas emoções e autoestima.

"Cuando se estigmatizan lenguas o variedades lingüísticas y se imponen modelos de hablantes ('hablante nativo', 'hablante local') imposibles de alcanzar para un porcentaje de la población, se generan sentimientos de inferioridad o vergüenza y problemas emocionales y de autoestima [...]. El impacto perjudicial de estas ideologías raciolingüísticas en los afectos y subjetividades de los sujetos refuerza además el consentimiento ante la violencia simbólica, provocando que se internalicen mecanismos de poder y que se dificulte el surgimiento de resistencia" (ALONSO, 2020, p. 208).²

² Tradução nossa: "Quando línguas ou variedades linguísticas são estigmatizadas e se impõem modelos de falantes ('falante nativo', 'falante local') impossíveis de serem alcançados por uma parte da população, geram-se sentimentos de inferioridade, vergonha, problemas emocionais e de autoestima [...]. O impacto prejudicial dessas ideologias raciolinguísticas, sobre os afetos e subjetividades dos indivíduos, também reforça a aceitação da violência simbólica, fazendo com que mecanismos de poder sejam internalizados, dificultando o surgimento da resistência" (ALONSO, 2020, p. 208).

A função do letramento racial, na construção de uma consciência antirracista, é capacitar indivíduos para identificar e questionar essas ideologias raciolinguísticas. Alonso (2020) discute a importância de deslocar o foco da tentativa de adequação dos sujeitos racializados a um padrão linguístico dominante para a desconstrução das percepções hegemônicas que perpetuam o racismo estrutural.

No contexto educacional, o letramento racial pode contribuir para um ensino crítico da linguagem, permitindo que estudantes compreendam a relação entre linguagem, poder e identidade racial. Flores e Rosa (2015) sugerem que uma abordagem pedagógica antirracista deve empoderar estudantes, ao fazê-los reconhecer e questionar as ideologias raciolinguísticas que os afetam, ao invés de simplesmente exigir que ajustem suas práticas linguísticas aos padrões dominantes.

Portanto, o letramento racial não só combate a discriminação linguística e racial, como desafia estruturas de poder que sustentam a desigualdade. Isso se dá ao promover um olhar crítico sobre a naturalização das hierarquias raciais e linguísticas, fomentando uma sociedade mais equitativa e consciente das suas dinâmicas racistas.

Ao aplicar esse conceito ao contexto da favela da Maré, entende-se a importância do processo de educação crítica, que possibilita a compreensão das dinâmicas do racismo estrutural e o desenvolvimento de estratégias para seu enfrentamento. Para os moradores da Maré, esse conhecimento é fundamental para reconhecer como as desigualdades raciais se manifestam em diferentes esferas da vida, desde o acesso à educação e ao mercado de trabalho até as interações com o Estado e a sociedade.

Na Maré, cuja população é majoritariamente negra e periférica, os moradores lidam diariamente com formas explícitas e sutis de discriminação racial e social. Uma dessas manifestações ocorre na linguagem, pois muitas vezes o modo de falar dos moradores é associado a uma suposta falta de instrução ou capacidade intelectual. Alonso (2020, p. 206) explica que as ideologias raciolinguísticas fazem com que práticas linguísticas semelhantes sejam percebidas de forma diferente, dependendo da posição racial dos falantes. Ou seja, quando um jovem da Maré fala com sua variação linguística natural,

ele pode ser julgado como “inculto” ou “desqualificado”, enquanto um jovem branco de classe média que usa gírias pode ser visto como descolado.

Esse fenômeno afeta diretamente a autoestima e as oportunidades dos moradores, levando muitos a sentirem vergonha da própria forma de falar. Segundo Alonso (2020, p. 208), “quando se estigmatizam línguas ou variedades linguísticas e se impõem modelos de falantes (...) impossíveis de serem alcançados por uma parte da população, geram-se sentimentos de inferioridade, vergonha e problemas emocionais e de autoestima”. Esse processo ocorre, por exemplo, quando jovens mareenses são incentivados a “falar certo” para conseguir empregos, ou quando sua pronúncia é ridicularizada em ambientes formais.

Além do preconceito linguístico, a violência policial e a segregação urbana são exemplos concretos de como o racismo estrutural impacta a vida dos moradores da Maré. A favela sofre constantes operações policiais, muitas vezes com a justificativa do combate ao tráfico de drogas, mas que resultam em mortes e violações de direitos. O preconceito racial influencia essa violência, pois jovens negros são frequentemente vistos como suspeitos e alvos preferenciais da repressão. Essa realidade reflete o conceito de "sujeito ouvinte branco", descrito por Flores e Rosa (2015), que explica como as práticas de escuta são influenciadas por hierarquias raciais. Assim, mesmo quando um morador da Maré age de maneira pacífica, sua imagem já está associada ao perigo devido a estereótipos raciais e sociais.

Porém, o letramento racial tem sido um instrumento fundamental para transformar essa realidade. Projetos como a "Casa das Mulheres da Maré"; a "Luta pela Paz"; e o "Observatório de Favelas"; trabalham com educação crítica e formação cidadã, ajudando os moradores a reconhecer e denunciar a discriminação racial. Através de oficinas, debates e iniciativas culturais, esses projetos promovem o entendimento do racismo como um problema estrutural, e não apenas individual, incentivando ações coletivas para combatê-lo.

Entre os projetos citados acima, destaca-se ainda a importância do Museu da Maré. Além das exposições, o Museu produz oficinas, debates e eventos culturais, funcionando como um espaço de resistência contra a exclusão social. Projetos como o "Letramento Racial Favelado", desenvolvido por grupos organizados da comunidade, utilizam o museu

como um local para discussões sobre racismo, desigualdade e representatividade negra na favela. Essas atividades reforçam a identidade racial e cultural dos moradores e criam um ambiente de fortalecimento coletivo.

Dessa forma, o Museu da Maré atua de forma simultânea como um espaço de preservação da memória e como uma ferramenta ativa de conscientização e enfrentamento do racismo estrutural. Ele fortalece o letramento racial ao proporcionar conhecimento crítico sobre a identidade favelada e ao desafiar as narrativas discriminatórias que marginalizam os moradores da Maré. Como argumentam Flores e Rosa (2015), para combater o racismo estrutural, não basta modificar as práticas dos sujeitos racializados, mas sim desconstruir as percepções racistas que os oprimem. O Museu da Maré cumpre essa função ao transformar a favela em um espaço de produção de conhecimento, arte e memória, reafirmando sua identidade e resistência.

Além disso, a valorização da identidade e da cultura favelada é uma das formas mais potentes de resistência. Movimentos artísticos como o *slam* de poesia, o *rap* e os *bailes funk* são espaços onde os moradores da Maré reafirmam suas vozes e narrativas. Alonso (2020) destaca que desafiar a normatividade racial e linguística dominante é essencial para a construção de uma sociedade mais equitativa. Quando um jovem da Maré compõe um rap, denunciando a violência policial, ou declama uma poesia sobre a importância de sua origem, ele está ressignificando sua identidade e rompendo com os estereótipos que tentam silenciá-lo.

Portanto, o letramento racial possibilita que os moradores da Maré identifiquem e enfrentem o racismo estrutural, ao desmistificar discursos que os marginalizam e ao fortalecer a reivindicação de seus direitos. Compreender a relação entre linguagem, raça e poder permite que a população periférica transforme sua realidade, fortalecendo-se como protagonistas de suas próprias histórias. Afinal, como afirma a filósofa Gloria Anzaldúa (1987, p. 81), “a identidade é equivalente à identidade linguística: eu sou a minha língua”. Na Maré, a resistência está justamente na afirmação de suas vozes e na luta por um futuro mais justo e inclusivo.

A educação na Maré como ferramenta para o letramento racial

A educação tem um papel central na transformação da realidade da Favela da Maré, onde a interseção entre raça, classe e território se manifesta de forma intensa, limitando oportunidades para muitos de seus moradores. Projetos educacionais locais, como o Maré de Saberes, o Projeto Uerê e a UniFavela, atuam diretamente para enfrentar as barreiras impostas pelo racismo estrutural e pela desigualdade social. Essas iniciativas não apenas fornecem acesso à educação de qualidade, mas também promovem o letramento racial, permitindo que os moradores compreendam e questionem as formas de discriminação que enfrentam no dia a dia.

A educação na Maré não se restringe ao ensino tradicional. O Maré de Saberes, por exemplo, integra a Rede de Formação Socioambiental do Projeto Redes e capacita lideranças comunitárias, proporcionando um entendimento crítico das desigualdades sociais e ambientais que afetam o território. Durante a I Caravana do Bem Viver, em 2022, esse projeto foi lançado com o objetivo de formar cidadãos mais conscientes de seus direitos e do contexto político e social que os rodeia. Esse tipo de formação contribui para que os moradores desenvolvam uma visão crítica sobre o racismo estrutural, entendendo que as dificuldades que enfrentam não são apenas individuais, mas fazem parte de um sistema que marginaliza determinadas populações, especialmente as negras e periféricas.

Outro projeto de grande impacto é o Projeto Uerê, que atende crianças e jovens da Maré que sofreram traumas e bloqueios cognitivos devido à violência estrutural e ao contexto de insegurança da favela. A metodologia do Uerê não apenas ensina conteúdos escolares, mas também trabalha questões emocionais e de autoestima, fundamentais para que os alunos se reconheçam como sujeitos de direito e dignidade. Segundo Alonso (2020, p. 208), as ideologias raciolinguísticas fazem com que pessoas racializadas sejam vistas como menos capazes, mesmo quando suas práticas linguísticas são perfeitamente legítimas. Ao acolher e fortalecer esses jovens, o Projeto Uerê os ajuda a superar o estigma imposto pelo racismo e a se expressarem com confiança, reivindicando seu espaço na sociedade.

Já a UniFavela amplia ainda mais esse movimento ao oferecer uma abordagem educacional voltada para o conhecimento acadêmico e popular, reconhecendo a favela como um espaço de produção intelectual e cultural. Essa valorização do saber periférico

e negro fortalece o letramento racial, pois ensina os moradores a se orgulharem de sua origem e a compreenderem a importância de suas experiências para a sociedade como um todo. Assim como o Museu da Maré, a UniFavela combate a visão estereotipada que associa a favela à marginalidade e à violência, promovendo um contradiscorso baseado na potência, na criatividade e na resistência comunitária.

Portanto, os projetos educacionais da Maré não apenas preenchem lacunas deixadas pelo Estado na oferta de ensino público de qualidade, mas também fortalecem a identidade e a consciência racial dos moradores. O letramento racial promovido por essas iniciativas permite que os jovens e adultos da favela entendam que sua trajetória não precisa ser definida pelos estigmas que a sociedade impõe. Ao educar, empoderar e valorizar a identidade favelada, esses projetos desafiam as estruturas racistas e promovem mudanças concretas na vida da comunidade.

No campo da educação, é fundamental destacar o papel dos educadores. Professores que trabalham na Maré e em outras favelas têm utilizado o ensino da história afro-brasileira como uma ferramenta de resistência. Ao abordar temas como os quilombos, lideranças negras históricas e a luta contra a escravidão, contribuem para que os alunos compreendam que a trajetória da população negra no Brasil não se resume à marginalização, mas é marcada, sobretudo, por processos de resistência e pela criação de estratégias de sobrevivência.

Além disso, a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, oferece um caminho para que educadores possam combater a branquitude como norma no ensino e destacar narrativas negras na educação. Entretanto, Alonso (2020) ressalta que a implementação dessa lei encontra barreiras, especialmente quando professores e alunos negros ainda enfrentam estereótipos e descrédito em suas formas de expressão linguística.

Educadores populares também trabalham para desconstruir o preconceito linguístico, promovendo a valorização da fala dos alunos negros e favelados. Alonso (2020) aponta que as ideologias raciolinguísticas fazem com que determinados modos de falar sejam considerados inferiores, o que impacta diretamente a autoestima dos estudantes. Muitas vezes, jovens negros da favela são levados a acreditar que sua forma

de falar é errada, reforçando a ideia de que precisam se adequar a um português mais próximo do padrão para serem aceitos.

Iniciativas como o letramento racial favelado têm se consolidado como espaços de debate e formação política para jovens negros, incentivando os mesmos a questionar e transformar as estruturas que perpetuam o racismo. O trabalho de professores e educadores populares na favela vai muito além do ensino formal: se trata de uma luta diária para desconstruir o racismo e fortalecer a autoestima dos estudantes negros. Ao promover o letramento racial, os educadores transmitem conhecimento e contribuem para a construção de uma nova percepção sobre o papel da população negra na sociedade. Como destaca Alonso (2020), desafiar as ideologias raciolinguísticas e valorizar a identidade negra são passos fundamentais para transformar a educação e a sociedade como um todo.

A comunicação na Maré como forma de resistência

A comunicação comunitária na Maré desempenha um papel fundamental como ferramenta de resistência, empoderamento e mobilização social. Diante de desafios históricos como a desigualdade social, a violência e a falta de acesso à informação qualificada, os moradores do Complexo da Maré desenvolveram estratégias próprias de comunicação para fortalecer sua identidade, denunciar injustiças e construir narrativas que valorizem a realidade da favela sob a perspectiva de quem vive nela.

Um dos principais exemplos dessa comunicação é o trabalho desenvolvido pela Redes da Maré, uma organização que atua na promoção de direitos e políticas públicas para os moradores da região. Dentro dessa iniciativa, o jornal Maré de Notícias tem se destacado como um veículo essencial para levar informações confiáveis à população, abordando temas como educação, cultura, segurança e direitos humanos. Além disso, o periódico desafia a cobertura midiática tradicional, que muitas vezes retrata a favela apenas pela ótica da violência, ignorando sua riqueza cultural e os esforços de seus moradores por melhores condições de vida.

A comunicação comunitária na Maré também se fortalece através das redes sociais, que se tornaram ferramentas indispensáveis para a difusão de informações em tempo real.

Moradores utilizam grupos no WhatsApp, páginas no Instagram e canais no YouTube para relatar acontecimentos do dia a dia, alertar sobre ações policiais e compartilhar oportunidades de emprego e cursos gratuitos. Esses canais alternativos ajudam a criar uma rede de proteção e solidariedade, reduzindo os impactos das desigualdades no acesso à informação.

Além disso, a produção audiovisual e o jornalismo independente têm ganhado espaço como formas de resistência. Projetos como o Maré Vive e coletivos de mídia independente registram a realidade local por meio de vídeos, fotografias e reportagens, trazendo uma perspectiva que contrasta com os estereótipos perpetuados pela grande mídia. O *rap*, o *funk* e o *slam* também se tornaram formas potentes de comunicação e denúncia, permitindo que os jovens expressem suas vivências e reivindiquem seus direitos por meio da arte.

A comunicação comunitária na Maré, portanto, vai muito além da informação, ela é um instrumento de luta e transformação social. Ao dar voz aos moradores, fortalecer laços comunitários e reivindicar direitos, essa prática comunicativa se torna essencial para a resistência da favela, permitindo que seus habitantes assumam o protagonismo de suas próprias narrativas e fortaleçam a luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Conclusão

O letramento racial se revela como um instrumento fundamental para a valorização da cultura e da identidade dos moradores da Favela da Maré, possibilitando o reconhecimento e a ressignificação da história e das experiências da população negra e periférica. Através da educação, da arte e da comunicação comunitária, os moradores constroem novas narrativas que rompem com estereótipos e promovem o fortalecimento de sua identidade.

Para ampliar os impactos do letramento racial, é essencial a implementação de ações que promovam a inclusão e a resistência contra o racismo estrutural. Entre essas iniciativas, destacam-se a valorização da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar, o incentivo a projetos culturais e artísticos que reforcem a identidade da favela e a criação de espaços de diálogo e formação sobre questões raciais. Além disso, o fortalecimento da comunicação comunitária contribui para a construção de uma visão

mais realista e digna da Maré, em contraponto às representações excludentes frequentemente veiculadas na grande mídia.

No entanto, para que essas iniciativas tenham um impacto duradouro, é indispensável a atuação conjunta do poder público e da sociedade civil na luta contra o racismo e a desigualdade social. Nesse sentido, políticas públicas que assegurem acesso à educação de qualidade, saneamento básico, segurança pública sem violência e oportunidades de trabalho são imprescindíveis para transformar a realidade da Maré e de outras favelas do Brasil. Além disso, o reconhecimento da favela como espaço legítimo de produção cultural e intelectual é crucial para combater a marginalização e avançar na construção de uma sociedade mais justa.

Dessa forma, o letramento racial contribui para a construção de uma identidade coletiva forte, ao mesmo tempo em que fortalece a luta por direitos e equidade. A Maré, com sua rica diversidade cultural e histórica, é um exemplo de resistência e potência social. Investir no letramento racial significa, portanto, investir na transformação da sociedade como um todo, reconhecendo o protagonismo da favela na construção de um país mais justo e inclusivo.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Lara. Ideologías raciolinguísticas. In: MARTÍN ROJO, Luisa; PUJOLAR, Joan (Coords.). *[Re]pensar la educación: claves para entender el multilingüismo contemporáneo*. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2020. p. 199-227.
- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands / La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- FLORES, Nelson; ROSA, Jonathan. Undoing appropriateness: raciolinguistic ideologies and language diversity in education. *Harvard Educational Review*, v. 85, n. 2, p. 149-171, 2015.

MARTINS, Gizele; PAIVA, Raquel. Favela da Maré: a comunicação comunitária como geradora de mudança social. *RUA [online]*. v. 29, n. 1, p. 97-109, jun. 2023. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>. Acesso em: 2025.

RIBEIRO, Eduardo; BORGES, Doriam. Percepções de bem-estar nas favelas da Maré: uma análise das desigualdades e estratificação das subjetividades. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 22, p. 1-19, jan.-dez. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2022.1.41764>. Acesso em: 28 Jan. 2025.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. *Maré: A invenção de um bairro*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais – PPBPC, Rio de Janeiro, 2006.